

DIÁRIOS

DAVID MOURÃO-FERREIRA
*EM AREZZO A 25 DE ABRIL**

5ª feira, 25 de Abril de 1974

13h. AREZZO. Chegámos há meia-hora, em “pulmann”, o que equivaleu a sair de Roma às 9h., a levantar-me às 7h.30 m.

14. 45m. Acabo de telefonar para a Carmo, em Bolonha. Vem o Franco ao telefone – e dá-me vivas e parabéns em altos gritos. Só depois a notícia: que houve esta madrugada um golpe de Estado em Portugal. Ao que parece, Spínola e Costa Gomes senhores da situação; Marcelo e Tomaz refugiados em Monsanto; vinte e nove regimentos revoltados; ocupados os estúdios do Rádio Club e da Televisão.

15h. 50m. Já telefonei para Lisboa. E falei com o meu Pai que, exultante, me confirmou, no essencial, as notícias da Carmo.

Vim depois a pé, desde o Hotel; estou agora no Duomo – mas incapaz, absolutamente incapaz, de apreciar isto como deve ser.

* Vd. infra, pp. 363-383.

16h. 15 m. Na casa onde nasceu Petrarca. O paralelo impõe-se...: ele estava longe de Roma quando se deu o movimento de Cola di Rienzo. E não foi precipitadamente que o apoiou? De resto “come si chiama veramente il Cola di Rienzo di Portogallo?”

Mas tornemos ao local presente: diante da varanda onde me encontro erguem-se as árvores do Prato, lindíssimo terreiro com uma estátua de Petrarca e praticamente aberto, em três dos seus lados, sobre o panorama das colinas toscanas. Pela varanda ciranda agora uma rapariga, bonitinha e com ar sentimental: a Laura? E acaba de chegar o bispo, e chegam entidades oficiais (tão semelhantes às de lá!) para assistir à sessão do Convegno que vai agora aqui realizar-se.

A (des)propósito: hoje é dia de feriado em Itália. Comemora-se o Dia da Libertação. Poderei comemorá-lo?

16 h. 35 m. Já estou dentro da sala, que lentamente se vai enchendo. Entre as senhoras presentes, há uma que parece a Helena Trigueiros, outra a Tita, outra a Olga Gonçalves. Ou então sou eu que estou constantemente a pensar em Lisboa.

19h. 20m. No Hotel Minerva (onde almocei, jantarei e dormirei esta noite). Só assisti a parte da sessão. Às 18h 10m. abandonei a casa de Petrarca e andei ao acaso pelas ruas. Ao acaso entrei numa belíssima e grande igreja de aspecto “délabrée”: era a Basilica di San Francesco; e, dentro, por trás do altar-mor, a maravilha dos frescos de Piero della Francesca (“Le Storie della Croce”). Depois dos Giotto de Padova, dos Simone Martini de Siena, dos da capela degli Spagnoli em Firenze, depois de tantos outros. – faltava-me, sem dúvida, mais esta revelação.

22h. Na Chiesa di Santa Maria della Pieve, assistindo a um concerto de música da época de Petrarca e de música sobre as poesias de Petrarca. Às 20 h. vi (ouvi) na televisão as notícias referentes a Portugal. Segundo parece, Marcelo Caetano ter-se-á rendido ao General Spínola – e as forças armadas, assegurando manter o controlo em todo o país, prometem eleições livres para breve.

22h. 50 m. Acabo de retornar aqui à Chiesa di S. Maria della Pieve (que é, aliás, uma igreja absolutamente maravilhosa e até fantasmagórica), depois de uma rápida deambulação pelas ruas de Arezzo. Oh! Quanto me apetecia encontrar uma “aretina” complacente! Mas tudo isto parece muito casto por fora. Pelo menos por fora. Tal como o Petrarca.

Quanto ao que se está a passar em Portugal: será caso para dizer, utilizando um verso de Petrarca, “benedetto sia ‘l giorno e ‘l mese e l’anno”? Entretanto – outro verso de Petrarca – a História pode seguramente ir dizendo: “Passa la nave mia colma d’oblio”...

23h. 50m. Já no quarto do Hotel. Pedi outra chamada para Lisboa – desta vez para a Pilar – mas dizem-me que está muito demorada. De qualquer modo mantive o pedido; e venha o telefonema a que horas for!

Verifico neste instante que foi em 1347 (tinha o Petrarca quarenta e três anos, já idade para ter juízo) que o Cola di Rienzo se apoderou do poder em Roma; e o Petrarca, que estava em Vacluse, tratou logo de se pôr a caminho. Mas parou a meio do percurso ao receber a notícia da queda do demagogo. (Mas agora pergunto a mim mesmo: era o Cola di Rienzo realmente um demagogo? Confesso que não tenho muito presente a história deste indivíduo. Assim que chegar a Lisboa – quando? como? – tratarei de refrescar a memória).

Que se passa efectivamente em Portugal? Como é que as coisas se encontram neste momento? Será, terá sido, a queda do regime? Se assim é, se assim for, longe estava eu de prever que a Itália, Arezzo e Petrarca me ficassem tão intimamente ligados a este acontecimento histórico.

É claro que me tenho lembrado, constantemente, de outro “acontecimento” (a notícia da morte de Salazar, em Setembro de 1968) que também me colheu aqui em Itália dessa vez em Roma; e não posso deixar de pensar, com um pouco de ironia e cada vez maior descrença, nas “grandes esperanças” que daí derivaram. Mas não vale a pena falar agora nisso. O que parece é que estou condenado, como o Fabrice del Dongo, a passar invariavelmente ao lado de Waterloo... Ou melhor: longe e sempre imerso em sugestões de natureza cultural.

00h. 40m. Tocou agora o telefone. A voz do porteiro “... Lisboa sta interroto. Non si puo parlare”.

Aliás admirado fiquei eu de ter podido falar a seguir ao almoço. Mas custa bastante ir assim deitar-me sem ao menos a esperança de ter mais notícias ainda esta noite.